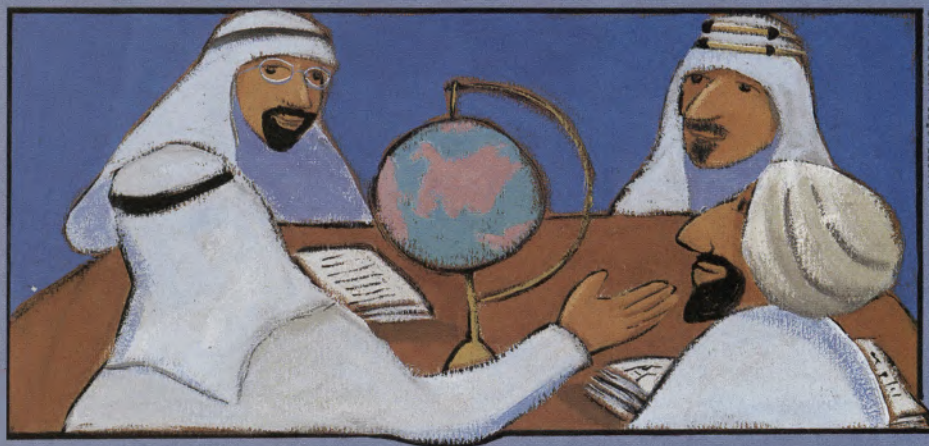
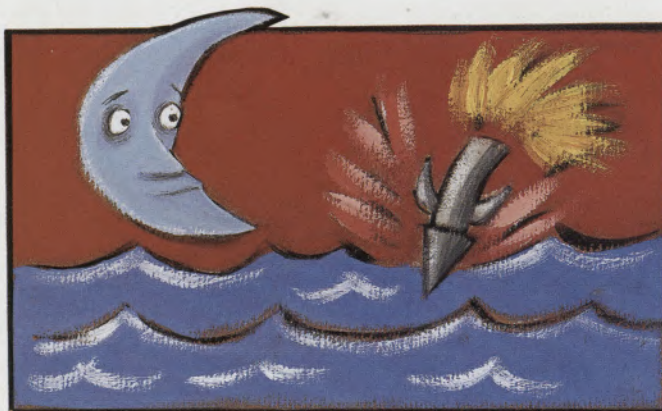


■ Prisioneiro de consciência

Jornais ligados ao governo do Irã anunciaram que o professor de filosofia Ramin Jahanbegloo, preso desde maio em Teerã, teria confessado participação num plano para derrubar o governo do país com ajuda dos Estados Unidos e do Canadá. A notícia foi recebida com ceticismo pela Anistia Internacional, União Européia e pelo governo canadense, que pressionavam o Irã a libertar o acadêmico. Antes da confissão, a prisão era justificada oficialmente pelo contato de Jahanbegloo com estrangeiros, o que não é crime no Irã. “Como precisavam dar respaldo à prisão, produziram essa confissão”, disse Karim Sadjadpour, analista do grupo de defesa dos direitos humanos International Crisis Group. Segundo a revista *Science*, o professor está confinado numa cadeia notória pela prática de tortura. Especula-se que o verdadeiro motivo da prisão seja uma entrevista que Ramin Jahanbegloo concedeu a um jornal espanhol criticando as declarações do presidente iraniano Mahmoud Ahmadi-

nejad que colocavam em dúvida a existência do Holocausto. Jahanbegloo, de 45 anos, doutorou-se em filosofia na Universidade Sorbonne, fez pós-doutoramento na Universidade Harvard e foi professor da Universidade de Toronto. •



ILUSTRAÇÕES LAURABEATRIZ

Articulação muçulmana

Um centro de pesquisas com sede em Islamabad, no Paquistão, vai ajudar os países muçulmanos a criar políticas científicas efetivas e sistemas nacionais de inovação. Inaugurado no dia 12 de julho graças a um investimento de US\$ 8 milhões, o centro é coordenado pelo comitê de cooperação científica da Organização da Conferência Islâmica (OIC), que con-

grega 57 países da região. Atta-ur-Rahman, ministro paquistanês para a educação superior e coordenador geral do comitê, diz que a iniciativa busca preencher uma velha lacuna. Segundo ele, entre os membros da OIC, apenas alguns poucos países, como Egito, Irã, Malásia e Turquia, têm academias de ciência capazes de dar aconselhamento aos governos. “É hora de o

mundo muçulmano acordar para a importância da ciência e da tecnologia na promoção do desenvolvimento socioeconômico”, disse o ministro ao jornal indiano *Urdu Times*. O centro vai abrigar economistas especializados em política científica, que promoverão cursos de treinamento para estudantes, autoridades e formuladores de políticas públicas. •

■ A Lua tem que esperar

O fracasso do lançamento do maior satélite de comunicações desenvolvido pela Índia deve adiar os planos do país de enviar no ano que vem uma missão não tripulada à

Lua. O foguete GSLV-F02, que carregava o satélite Insat-4C, explodiu logo após o lançamento, no dia 10 de julho, produzindo uma chuva de destroços na baía de Bengala. Como a segurança da tecnologia do foguete é vital para o sucesso da missão Chandrayaan-I à Lua, já se fala num adiamento da viagem, prevista para o ano que vem. O principal objetivo da missão é pesquisar a distribuição local dos minerais e dos elementos químicos, além de produzir mapas tridimensionais da superfície lunar. O astronauta indiano Rakesh Sharma admitiu à agência EFE que “o programa espacial sofrerá um atraso”. Mas



se disse convencido de que a experiência trará aprendizado e que seu país terá sucesso. •

■ Para recuperar o atraso

A Universidade Nacional Autónoma de México (Unam) é a maior universidade da América Latina, com cerca de 200 mil alunos, e está entre as 100 melhores do mundo, à frente das brasileiras. Mas seu reitor, Juan Ramón de la Fuente, não está satisfeito. Em uma conferência realizada no dia 17 julho no Instituto das Américas, em La Jolla, Califórnia, Fuente queixava-se de que ainda é muito restrito o acesso ao ensino superior, relata Carlos Fioravanti, editor de ciência de *Pesquisa FAPESP*. Mesmo que o México esteja um pouco acima da média na América Latina (20%), apenas 22% dos jovens de 18 a 24 anos chegam à universidade. No Brasil, o índice é de 14%. “Na melhor das hipóteses, os países latinos oferecem metade do recomendado para se manter competitivo na educação superior”, comentou. Segundo ele, duplicar o acesso à universidade seria uma forma de satisfazer apenas um dos elementos necessários à inovação – a formação de mão-de-obra qualificada. “Sem uma política mais vigorosa de acesso ao ensino superior,

não teremos como recuperar esse atraso e avançar”, disse Fuentes. •

■ Incentivo ao jornalismo

O Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia da Argentina lançou um programa nacional de capacitação em jornalismo científico e criou um prêmio para as melhores produções na área. “É preciso muita tenacidade para ter espaço permanente na imprensa argentina”, disse, em entrevista coletiva, o ministro Daniel Filmus. Segundo o portal *Universia Argentina*, o programa de capacitação terá cursos que viajarão por diversas províncias. O prêmio de jornalismo terá cinco categorias (jornal, televisão, rádio, *web* e trabalhos inéditos em qualquer veículo). Os vencedores ganharão uma viagem a um centro internacional de pesquisas da Europa ou dos Estados Unidos à sua escolha. •

■ Sinal de alerta no Uruguai

O contingente de pesquisadores e técnicos envolvidos com atividades de inovação na indústria uruguaia diminuiu 43% em 2003, em comparação com o final dos anos 1990. Os dados fazem parte da II Pesquisa de Atividades de Inovação na Indústria (2000-2003), elaborada pelo

governo uruguaio. Foram contabilizados apenas 434 profissionais dedicados à Pesquisa e Desenvolvimento, o equivalente a 0,5% do total de empregados. Já no triênio anterior, a indústria uruguaia

abrigava 766 cientistas e técnicos envolvidos nessas tarefas. “A baixa quantidade de pesquisadores na indústria é um tema-chave para o país”, disse à agência de notícias *SciDev.net* Amilcar Davyt, titular da Direção de Inovação, Ciência e Tecnologia (*Dicyt*), do governo uruguaio. A pesquisa mostra que apenas 36% das indústrias realizaram alguma atividade de inovação, mas a grande maioria delas foi a compra de máquinas e a capacitação do pessoal, não projetos de pesquisa e desenvolvimento. •

Redoma húngara



A Academia Nacional de Ciências da Hungria é acusada de discriminar pesquisadores da área médica que trabalham fora do país. Para conceder o grau de doutor em ciência, necessário para pesquisadores atuarem em universidades e institutos de pesquisa húngaros, a divisão médica da academia adota um critério polêmico ao avaliar os currículos dos candidatos: artigos divulgados em revistas científicas húngaras têm um peso duas vezes maior do que os publicados no exterior. “As regras excluem es-

trangeiros da competição com cientistas médicos da Hungria”, disse à revista *Nature* Gábor Vajta, embriologista húngaro radicado em Tjele, Dinamarca. Vajta não tem intenção de voltar a seu país natal. “Mas, se quisesse, teria de recomeçar a carreira do zero”, diz. O governo húngaro, que busca fortalecer a ciência no país mas não tem poder direto sobre a academia, também está preocupado. “A academia é dominada por pesquisadores dos tempos do totalitarismo”, diz János Kóka, ministro da Ciência da Hungria. •